

CASSIDY, Rebecca (ed.). 2013.
The Cambridge Companion to Horseracing.
New York: Cambridge University Press.
256 pp.

Renan Martins Pereira

Mestrando em Antropologia Social
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGAS, Universidade Federal
de São Carlos – UFSCar
E-mail: zinhotravis@gmail.com

Antropóloga dedicada ao estudo das corridas de cavalo sob a ótica de diversas temáticas, em particular o parentesco, o gênero, o mercado de apostas e as relações interespecíficas, Rebecca Cassidy tem construído ao longo de sua carreira reflexões importantes acerca da complexidade e dos desdobramentos teórico-metodológicos dessas práticas no âmbito da etnografia. Entre elas, a ideia segundo a qual tais competições se constituem por causa dos estreitos laços de socialidade entre humanos e animais e, sobretudo, por causa das singularidades e dos atributos compartilhados entre eles - bem ao modo, por exemplo, da ideia de *espécies companheiras* formulada por Haraway (2003).

Porém, em *The Cambridge Companion to Horseracing*, Cassidy (organizadora da coletânea) promove, juntamente com seus colaboradores(as), uma encantadora homenagem multidisciplinar ao assim denominado *esporte dos reis*, sem restringi-la, no entanto, ao escopo da abordagem antropológica, tampouco designando-a como um trabalho etnográfico vinculado à multiespecificidade. Mesmo assim, uma leitura sua à luz deste tipo de abordagem pode ser uma forma particular de interpretação, já que a complementaridade entre competição, aposta e domesticação, mobilizada pela autora noutros lugares (Cassidy 2007, 2012), está nela rerepresentada a partir do diálogo interdisciplinar de seus colaboradores(as).

Não reclusos, por sua vez, à antropologia, eles formam um grupo composto por sociólogos, jornalistas, escritores, poetas, investidores, historiadores da arte, e outros que se dedicam exclusivamente ao tema, trazendo à tona descrições múltiplas a respeito do cotidiano das pistas de corrida, dos estábulos, da atuação dos Jóqueis-clubes, do mercado de animais, das apostas, das tradições festivas e de suas representações nacionais. Em síntese, os autores desenvolvem suas reflexões de modo a revelar o universo pluridimensional das competições. O que faz da obra

não só um registro histórico-político, no sentido de descrevê-las a partir de suas transformações socioculturais e econômicas, mas também uma coleção de dados e perspectivas sobre as suas distintas manifestações empíricas. Nesse sentido, se o seu caráter multidisciplinar é, portanto, o reflexo de um universo empírico igualmente complexo, onde muitos agentes humanos e não-humanos se fazem presentes, é válido propor para tal obra uma leitura que a torne objeto de conhecimento para antropólogos dedicados, por exemplo, ao estudo das relações humano-animal ou, mais especificamente, para aqueles vinculados à etnografia multiespecífica (Kirskey & Helmreich 2010; Fijn 2011).

Ademais, embora Cassidy tenha sugerido fazê-la pelo viés da multidisciplinaridade, sugiro, todavia, conduzi-la não no sentido próximo àquele do método científico-ocidental (o que resultaria numa leitura literalmente disciplinar), senão àquele procedimento analítico oferecido pelas *conexões parciais* de Strathern (1991). Que significa, por ora, construir formas co-extensivas e dialógicas entre o conhecimento antropológico, o do nativo e o de alhures, de modo que um possa iluminar e descrever parcialmente o outro, sem que, para tanto, um deles seja eliminado por completo: neste caso, a possibilidade particular de que os animais iluminem etnograficamente os humanos, e vice-versa. Movimento este encontrado, atualmente, nalguns trabalhos que almejam alcançar uma rentabilidade analítica acerca do que Tsing (2012), por sua vez, denominou agências *mais-que-humanas* ou, então, aquilo que Kohn (2013) sugeriu como *antropologia para além do humano*.

Tendo isso em vista, já no primeiro capítulo da coletânea verifica-se o modo como Richard Nash, por exemplo, conduz sua análise histórica a respeito das relações e significações entre dois tipos de sujeitos. Melhor dizendo, uma reflexão histórica acerca da convergência entre as corridas de cavalo inglesas do século dezessete e as práticas relativas às criações de animais de pura raça (*thoroughbred*), a partir da qual o autor refletirá como as relações complementares entre esses dois agentes tornaram as corridas objetos de investimento político e econômico. Sendo os animais, exclusivamente, o alvo de aplicabilidade e de experimentação dos ideais nobres de pureza e de sangue.

Os dois capítulos seguintes discutem o tema pela perspectiva de duas linguagens artísticas: a pintura e a literatura, respectivamente; e o debate é garantido, de modo particular, ao investigar o significado do cavalo, na primeira, e o das corridas, na segunda. O historiador da arte, Douglas Fordham, resgata a existência do cavalo na Inglaterra e o modo como os artistas representavam-no em suas telas. Segundo o autor, sua proposta é “[...] examinar um momento dinâmico particular da representação do cavalo” na história (Cassidy 2013: 26). Quanto à segunda, Jane Smiley analisa as diferenças existentes entre obras literárias britânicas e americanas que fazem das corridas o seu tema central e define as primeiras aquelas que expressariam uma visão sociológica do tema, e as segundas as que priorizariam em suas ficções a individualidade e a agência dos animais.

O quarto capítulo direciona o leitor a um movimento histórico sobre o esporte em questão. Wray Vamplew pretende estabelecer uma discussão sobre o seu desenvolvimento e transformações, elencando, por fim, as especificidades das corridas em convergência ao surgimento do capitalismo, à colonização britânica, à decadência da monarquia e ao desenrolar do mercado de cavalos.

Em seguida, a escritora Sean Magee aborda o lado festivo das corridas. Denominados *Derby Day*, tais eventos de homenagem às pistas não se limitariam apenas ao momento concreto das competições, pois, além delas, todo um outro campo de entretenimento se manifesta. Sobretudo,

um movimento de conciliação entre as diferentes classes sociais que, ao compartilharem o espaço e a virtudes de uma mesma ocasião, invertem certos valores morais importantes de sua época, ao coloca-los sob o julgo da ironia e, com isso, passando a adequá-los às características regionais e culturais de suas festividades.

No capítulo seguinte, há um relato pessoal de um filho de jóquei sobre suas experiências vividas no universo dos estábulos e das pistas. O australiano John Maynard examina o impacto dos perigos sofridos pelos seus competidores. Assim, o autor relata como isso afetava os familiares que os acompanhavam no cotidiano de suas competições e vivenciavam as dificuldades destes profissionais diante das pressões do esporte na Austrália.

Atenção especial deve ser dada ao sétimo artigo do livro, em que James Helmer destaca a sua experiência de campo entre trabalhadores (*horse people*) de um estábulo no nordeste americano. Segundo ele, o espaço “invisível” desses trabalhadores, denominado *backstretch*, apresenta uma divisão de trabalho específica entre os treinadores (*trainers*) e seus assistentes (*grooms*), de modo que o trabalho seria o “[...] fruto da interação interpessoal mais do que o produto formal de uma hierarquia” (Cassidy 2013: 98). Além disso, os aspectos das relações interespecíficas formulam-se, segundo o autor, de modo a produzir um campo relacional no qual os trabalhadores prezam pela individualidade de cada animal, visto que “[...] os cavalos também têm valores sociais, psicológicos e políticos. Com foco tanto na atividade quanto na contemplação, estes animais funcionam materialmente e simbolicamente na produção de vida nos estábulos” (Cassidy 2013: 101). Interessante notar como o argumento do autor pretende expor que, do ponto de vista dos trabalhadores, devido às mudanças na indústria de corridas, haveria, atualmente, uma preocupação menor quanto à individualidade dada aos animais por parte de seus proprietários e também do público.

Posteriormente aos sete artigos até agora delineados, os cinco capítulos que dão andamento à obra trazem reflexões históricas e debates atualizados (mais de cunho informativo do que sociológico) sobre a condição das corridas em certos lugares do mundo, incluindo aqui as alegorias de famosos cavalos e competidores, bem como a particularidade do mercado global de apostas envolvendo tais atores. O poeta Michael Hinds abordará sobre a Irlanda; Wayne Peake, as competições referenciais de pônei em Sydney; Jonathan Silverman demonstrará como as corridas de Saratoga (Nova York) produziram um modelo contemporâneo adequado às inovações tecnológicas, sem deixar de lado suas características tradicionais; a jornalista Rachel Pagones fará uma conexão com Dubai, demonstrando o universo político e o desenvolvimento de tais práticas quando permeada pela influência dos sheiks e da família real dos Emirados Árabes; e o jornalista Mark Godfrey, em “Racing in Asia”, aborda o surgimento das corridas na China e no Japão, as ligações políticas e econômicas desses países numa esfera global e os efeitos destas relações no âmbito local de suas competições, sendo esse o tema que, por fim, encerra o debate do livro nos dois últimos artigos de Mark Davis e Chris McConville, respectivamente.

Assim, percebe-se que os diferentes olhares mobilizados na obra a respeito do mesmo objeto constroem deslocamentos analíticos capazes de tecer, se não alternativas práticas com relação às transformações radicais das corridas ao redor do mundo, pelo menos reflexões que sejam capazes explicitá-las sob muitos pontos de vista. O que, nesse sentido, permite destacar o fato de que é mais do que justo conferir importância à obra, principalmente no que toca ao tipo de leitura aqui sugerido: o tema das conexões entre a efetuação política dos humanos e o papel primordial

dos animais, já que as competições, como bem quer Cassidy (2007, 2012) nessa obra e noutros lugares, ancoram-se na hipótese segundo a qual elas próprias (*racing*), juntamente às apostas (*betting*) e à domesticação (*breeding*), são três dos elementos definidores tanto de suas múltiplas formas históricas quanto de suas variadas abordagens atuais. É sob essas circunstâncias, portanto, interligando esporte, economia e interespecificidade, que a sua leitura poderá alavancar novas questões e desdobramentos interessantes aos *Animal Studies*, caso ela vá ao alcance de outros antropólogos e pesquisadores: os quais, afinal de contas, o meu esforço em questão pretende recrutar.

Referências

- CASSIDY, Rebecca. 2007. *Horse people: thoroughbred culture in Lexington and Newmarket*. London: Johns Hopkins University Press.
- _____. 2012. *The sport of kings: kinship, class and thoroughbred breeding in Newmarket*. New York: Cambridge University Press.
- FIJN, Natasha. 2011. *Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARAWAY, Donna. 2003. *The companion species manifesto: dogs, people and significant others*. Chicago: University of Chicago Press.
- KIRSKY, Eben; HELMREICH, Stefan. 2010. "The emergence of multispecies ethnography". *Cultural Anthropology*, 25(4):545-576.
- KOHN, Eduardo. 2013. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press.
- STRATHERN, Marilyn. 1991. *Partial connections*. Savage: Rowman & Littlefield.
- TSING, Anna L. 2012. Unruly edges: mushrooms as companion species. *Environmental Humanities*, 1(2012):141-158.

Recebido em Outubro 31, 2015
Aceito em Fevereiro 29, 2016